



UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE JARDIM/MS
CURSO DE LETRAS/INGLÊS
JHULYE SPARRENBERGER MARTI

CONSTRUINDO UM TEXTO DIGITAL ATRAVÉS DE *FANFICTION*: A
INTERTEXTUALIDADE ENTRE AS OBRAS IRACEMA E AVATAR.

Jardim – MS

2017



JHULYE SPARRENBERGER MARTI

**CONSTRUINDO UM TEXTO DIGITAL ATRAVÉS DE *FANFICTION*: A
INTERTEXTUALIDADE ENTRE AS OBRAS IRACEMA E AVATAR.**

Monografia apresentada ao Curso de Letras Habilitação Português – Inglês da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, unidade de Jardim – MS, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciada em Letras Habilitação Português/Inglês.

Orientadora: Prof^ª Me. Roseli Peixoto Grubert

JARDIM - MS

2017

FICHA CATALOGRÁFICA

MARTI, Jhulye Sparrenberger

CONSTRUINDO UM TEXTO DIGITAL ATRAVÉS DE *FANFICTION*: A INTERTEXTUALIDADE ENTRE AS OBRAS IRACEMA E AVATAR.

Jardim: UEMS, 2017, 43 p.

Bibliografia

Monografia de Graduação – Curso de Letras Habilitação Português/Inglês – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

Palavras Chaves: 1. Multiletramento 2. *Fanfictions* 3. Relato de Experiência

É concedida à Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul a permissão para publicação e reprodução de cópia (s) deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), apenas para propósitos acadêmicos e científicos, resguardando-se a autoria do trabalho.

Jhulye Sparrenberger Marti

Jardim / MS

2017



CURSO DE LETRAS HABILITAÇÃO PORTUGUÊS / INGLÊS
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
JHULYE SPARRENBERGER MARTI

**CONSTRUINDO UM TEXTO DIGITAL ATRAVÉS DE *FANFICTION*:
INTERTEXTUALIDADE ENTRE AS OBRAS IRACEMA E AVATAR.**

APROVADO EM: ____/____/____

Orientadora: **Profª Me. Roseli Peixoto Grubert – UEMS**

ProfessorDr. Neurivaldo C. Pedroso Júnior

Professora Evelyn Coelho Paini Webber

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me sustentado com saúde e sabedoria para realizar este desafio na minha vida.

Aos meus pais, Cláudio e Márcia, que apesar de estarem distantes fisicamente durante este último ano da minha graduação, permaneceram presentes no meu cotidiano através de ligações e conversas via redes sociais e continuaram me dando suporte psicológico e emocional como sempre fizeram.

Ao prof. Phd Neurivaldo Pedroso Júnior por ter me acompanhado desde a 3ª série, por ter sido muito mais que um professor durante o último ano de graduação. Meu muito obrigada por ter me ouvido e aceitado minha mudança de opinião repentina.

À minha orientadora, prof. Me. Roseli Peixoto Grubert, por ter aceitado minha sugestão de trabalho e por ter me recebido de braços abertos. Obrigada por responder aos meus e-mails e mensagens durante as madrugadas e por sempre trazer palavras de conforto, muitas vezes sem perceber.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar e relatar uma atividade pedagógica utilizando o gênero *Fanfiction* através do uso de aparatos digitais, que foi realizada por intermédio do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – Pibid. A pesquisa é um estudo de caso, portanto de natureza qualitativa, com orientação etnográfica. A pesquisa foi realizada na Escola Estadual Coronel Juvêncio localizada no município de Jardim/MS. Para fundamentar o trabalho, utilizei os aportes teóricos de multiletramentos, letramentos e os gêneros textuais.

Palavras-chave: Multiletramentos. *Fanfictions*. Relato de Experiência.

ABSTRACT

The present work has the objective of presenting and reporting a pedagogical activity using the Fanfiction genre through the use of digital apparatus, which was carried out through the Institutional Program of Initiation to Teaching - Pibid. The research is a case study, therefore of a qualitative nature, with ethnographic orientation. The research was carried out at the State School Coronel Juvêncio located in the municipality of Jardim / MS. To base the work, I used the theoretical contributions of multiliteracies, literacies and textual genres.

Keywords: Multiliteracies. Fanfictions. Experience Report.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	11
CAPÍTULO 1 –ARCABOUÇO TEÓRICO.....	13
1.1LETRAMENTOS E MULTILETRAMENTOS.....	13
1.2 CULTURA DA CONVERGÊNCIA.....	15
1.3 GÊNEROS DISCURSIVOS.....	17
1.4GÊNERO FANFICTION.....	19
CAPÍTULO 2 – CONSIDERAÇÕES ACERCA DA ESCOLHA METODOLÓGICA..	25
2.1 ESTUDO DE CASO.....	25
2.2 CONTEXTO DA PESQUISA.....	26
2.3 O PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSA DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA – PIBID.....	26
2.4 O PIBID EM JARDIM.....	27
CAPÍTULO 3 – O RELATO.....	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	40

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Apresentação em grupos dos cartazes produzidos.....	30
Figura 2: Cartazes expostos nos murais da escola.....	30
Figura 3: Foto da aula explicativa sobre o gênero <i>Fanfiction</i>	31
Figura 4: Alunos conhecendo o <i>site</i> na sala de tecnologia.....	32
Figura 5: <i>Print</i> de tela do blog citado.....	33
Figura 6: <i>Fanart</i> do estilo <i>crossover</i>	35
Figura 7: Questionários respondidos pelos alunos.....	36
Figura 8: <i>Print</i> de tela de computador do <i>Blog</i> criado pelos alunos.....	36
Figura9: Primeiro post do <i>blog</i>	37

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Não é necessário dizer que a diferença do uso da tecnologia, se hoje comparado ao século XX, evoluiu muito. Esse avanço tecnológico é notável não só nas empresas privadas e públicas como no dia a dia das pessoas. A tecnologia móvel, por exemplo, está por toda a nossa volta. Os celulares já têm funções suficientes para não precisarmos mais usar os computadores. Ir ao banco para conferir o extrato da sua conta corrente, ou até depositar um cheque, por exemplo, não é mais necessário; você pode fazer isso sem sair de casa, através do seu aplicativo no celular.

Essa evolução tecnológica tem feito parte da vida de muitos alunos. Segundo a pesquisa TIC Kids¹ realizada pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br) em 2016, 80% da população brasileira entre 9 e 17 anos usam a internet. A pesquisa também apontou a queda do índice de jovens que usam o computador de mesa: era usado por 56% dos jovens na pesquisa do ano anterior e diminuiu para 38%. Para obter esses dados, foram realizadas entrevistas com crianças, adolescentes, pais e responsáveis. E a maior motivação que os entrevistados alegaram para o uso da internet foi para trabalhos escolares.

Conforme a sociedade evolui e se transforma por meio da tecnologia, surge a necessidade de se buscar novas práticas para o ensino.

Essas práticas englobam novas maneiras de ler e escrever e dão surgimento a novos gêneros discursivos, que são possibilitados pela presença de novas tecnologias.

Essas mudanças, para muitos teóricos como Chartier (1998), provocam novas situações de produção de leitura e de autoria.

Por meio do estudo do artigo “Fanfics, Google docs... A produção textual colaborativa” de Azzari e Custódio (2013), na disciplina de Novas Tecnologias da Educação (NTE), sugeri à professora coordenadora do Pibid e à professora supervisora da escola uma atividade em que os alunos trabalhassem a escrita colaborativa por meio do gênero *Fanfiction*, gênero textual que engloba a escrita criativa em meios eletrônicos.

Levando em conta todo o avanço tecnológico que estamos vivendo, que estão

¹ Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/pesquisa-e-inovacao/noticia/2016-10/pesquisa-80-da-populacao-brasileira-entre-9-e-17-anos-usam>. Acesso em 02 de outubro de 2017.

decorrendo novas práticas de ensino, surgiu assim a ideia para desenvolver esse trabalho de conclusão de curso, em consonância com minha participação no programa Pibid.

De acordo com Vargas (2005), no Brasil, a prática de letramento *Fanfictions* tornou-se mais visível e ganhou impulso a partir de 2000, ano em que foi publicado o primeiro livro da Série Harry Potter, de J. K. Rowling.

Os autores desse gênero escrevem a partir de certa afinidade que possuem com determinadas personagens através de leituras de livros, filmes, seriados, bandas musicais, etc. Os personagens despertam nessas pessoas tal sentimento, que elas não se contentam mais em apenas ler, assistir, ou ouvir; elas passam a interagir por intermédio da produção escrita, criando e recriando histórias fictícias com seus personagens favoritos, agindo assim como autores porém sem fins lucrativos.

Essa monografia está dividida em três capítulos, a saber: o primeiro, Arcabouço Teórico, no qual disserto um pouco sobre as teorias estudadas para a realização do mesmo. No segundo capítulo, apresento a metodologia da pesquisa e explico sobre o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID. No último capítulo relato a experiência da atividade e apresento a análise. Por fim, faço as Considerações Finais e apresento as referências utilizadas.

CAPÍTULO 1 – ARCABOUÇO TEÓRICO

1.1 Letramentos e Multiletramentos

Rojo (2012) considera que os multiletramentos são interativos e, acima disso, são colaborativos devido ao fato de fazer uso de mídias digitais, a exemplo do computador, para que haja uma interação em vários níveis com diferentes interlocutores.

Segundo Kleiman (1995,p.97) o termo letramento foi usado inicialmente com o objetivo de distinguir os estudos relacionados ao “impacto social da escrita” daqueles sobre alfabetização, isto é, a escrita que antes era restrita a uma classe passa a ser direito universal de todas as pessoas.

Kleiman (1995, p.21) afirma que “as práticas de letramento, no plural, são social e culturalmente determinadas e, como tal, os significados específicos que a escrita assume para um grupo social dependem dos contextos e instituições em que ela foi adquirida”. Isso significa que o sujeito é capaz de internalizar as práticas de leituras e escritas que permeiam o ambiente em que ele vive.

Rojo (2004, p.31) complementa a definição de Kleiman explicando que:

[...] ‘multiletramento’, aqui, significa que compreender e produzir textos não se restringe ao trato do verbal oral e escrito, mas à capacidade de colocar-se em relação às diversas modalidades de linguagens – oral, escrita, imagem, imagem em movimento, gráficos, infográficos etc. – para delas tirar sentido.

Soares (1998, p. 72) também tem seu conceito de Letramento, em que diz que o letramento é um conjunto de práticas sociais, com leitura e escrita, em que os indivíduos que as praticam envolvem essas práticas com meios do seu contexto social.

Kleiman (1995, p. 20) critica duramente a preocupação que a escola, a agência de letramento mais importante, tem com apenas **um**² tipo de prática de letramento: a alfabetização, o processo de adquirir códigos (numéricos, alfabéticos), que, no ponto de vista da instituição escolar, é a prática necessária para o sucesso e promoção da escola.

Enquanto em outras agências de letramento, como a igreja e a família, estão

²Grifo meu.

presentes outras formas de letramento, além da legitimada pela escola.

Kleiman (1995, p. 15-16) afirma:

o conceito de letramento começou a ser usado nos meios acadêmicos numa tentativa de separar os estudos sobre o 'impacto social da escrita' (Kleiman, 1989a) dos estudos sobre a alfabetização, cujas conotações escolares destacam as competências individuais no uso e na prática da escrita.

É notório que o significado do termo Letramento varia através dos tempos e também das culturas. Práticas diferentes, em contextos totalmente diferenciados do que estamos acostumados a ver, são vistas como Letramento também.

Segundo Rojo (2013, p. 17), "é preciso que a instituição escolar prepare a população para um funcionamento da sociedade cada vez mais digital e também para buscar no ciberespaço um lugar para se encontrar, de maneira crítica, com diferenças e identidades múltiplas." Isto representa afirmar que muitos dos letramentos que estão inseridos na vida cotidiana dos estudantes são ignorados e desvalorizados pelas instituições educacionais.

Partindo do princípio que um dos objetivos da escola é possibilitar seus alunos a participar das muitas práticas sociais que existem, nas quais a leitura e a escrita são fundamentais, como nos gêneros escolares (resumos, resenhas, dissertações, narrações, exercícios) e os gêneros advindos de outros contextos (literário, jornalístico, publicitário), Rojo (2009, p.107) sugere que se levem em conta "os multiletramentos, os letramentos multissemióticos e os letramentos críticos e protagonistas, de forma a democratizar essas práticas e eventos de letramentos", pois é o que o mundo contemporâneo tem exigido dos alunos.

Existem dois importantes termos que são empregados na teoria dos Letramentos: as práticas de letramento e os eventos de letramento.

O uso do plural para os conceitos (eventos e práticas) é uma forma de mostrar que o valor social concedido ao uso da escrita altera dependendo do grupo social em que é utilizado. Essa variação entre determinados grupos sociais surge de alguns aspectos como econômicos, religiosos e políticos.

A ideia desses dois termos fundamenta-se na compreensão da natureza social do letramento, que teve origem e desenvolvimento em um conjunto de pesquisas denominado Novos Estudos do Letramento (*New Literacy Studies*), surgido em um colóquio realizado na cidade de Nova Londres, New Hampshire, EUA.

As práticas e eventos de letramento são utilizados por pesquisadores que visam compreender os usos e os significados da escrita e da leitura para diferentes grupos sociais, bem como as consequências educacionais para os indivíduos e para os grupos a que pertencem.

Rajo (2009) declara que existem certas práticas que são utilizadas em determinados contextos e que, independentemente do contexto nos quais as realizamos, tanto nos auxiliarão na construção do nosso conhecimento como contribuirão para nossa formação cidadã.

As práticas de letramento são atividades que realizamos, isto é, produções sociais que envolvem não somente o que fazemos, mas **o que fazemos a partir do conhecimento que possuímos e o que pensamos sobre o que fazemos**³. Também é levado em conta como construímos o valor e a ideologia que já permeiam esses acontecimentos e que estão subjacentes a essas ações. (BAYNHAM, 1995, p.39).

Assim, segundo Mark (2009, *apud* MATTOS, 2014) dependendo de onde essas práticas de letramento estão estruturadas, implicam habilidades, rotinas e concepções distintas.

Segundo Heath (1983), o evento de letramento seria tudo aquilo que observamos em que é usado a escrita e a leitura ao mesmo tempo.

Ao ler anúncios de venda ou de emprego no jornal, ao anotar compras em uma caderneta, ler e escrever e-mails ou posts no *Facebook* e até quando se utiliza o cartão de crédito em uma compra, estão sendo desenvolvidos pequenos eventos de letramento, pois todas essas atividades envolvem o uso da leitura/escrita com uma finalidade.

1.2 Cultura da Convergência

A cultura da convergência, termo criado por Henry Jenkins, estimula determinado público/consumidor a produzir novas informações, a estabelecer novas conexões. Segundo Jenkins (2009), essa convergência permite que o público dê suas ideias, expresse seu estado de humor. A convergência também dá poder ao público, concede voz ativa a grupos organizados.

Para o autor, convergência se refere a uma situação em que múltiplos sistemas de mídia coexistem e em que o conteúdo passa por eles fluidamente.

³Grifos meus.

Convergência é entendida aqui como um processo contínuo ou uma série contínua de interstícios entre diferentes sistemas de mídia, não uma relação fixa. (JENKINS,2009, p. 377)

A cultura da convergência possui 5 conceitos: a Convergência dos Meios de Comunicação, a Cultura Participativa, a Inteligência Coletiva, Economia Afetiva e os conceitos de *Narrowcasting* e *Broadcasting*.

A Convergência dos Meios de Comunicação é onde as velhas e novas mídias se encontram e se comunicam, onde é possível a transmissão de maiores informações e interação para o público.

A Cultura Participativa acontece quando um determinado grupo de pessoas, consumidores ou mesmo um público de audiência, influencia em um determinado produto/serviço e até mesmo no resultado final de um veículo de mídia. Um exemplo de cultura participativa são os *reality shows* que são transmitidos pela rede televisiva,ou em canais digitais, que precisam da interação do seu público, através de votações por meio de *apps* em aparelhos celulares, mensagens de texto e inclusive ligações para obter um resultado final.

O terceiro conceito da cultura da convergência é a Inteligência Coletiva: são grupos de pessoas que trocam e compartilham informações sobre um determinado assunto em comum, criando através dessa troca de informações uma base de conhecimento pertencente a todos do grupo. Esse conceito deixa claro que nenhum de nós detém total saber sobre qualquer assunto, cada um desenvolve um saber de determinado assunto e assim vamos unindo nossos saberes. A inteligência coletiva é o encontro da superabundância de informações que adquirimos através do nosso estilo social.

Depois temos a Economia Afetiva: estratégia desenvolvida para criar um vínculo emocional entre consumidor e empresa, buscando que os consumidores se tornem fãs e promotores de determinada marca.

Por último, Jenkins (2009) traz o conceito de *Broadcasting* e *Narrowcasting*. *Broadcasting* é quando a difusão da informação é feita através dos meios de comunicação de massa, atingindo um número maior de pessoas. Já o *Narrowcasting* é quando a informação se dirige apenas a nichos/grupos específicos.

A possibilidade de produções com novas informações na área das novas mídias tem como resultado a cultura participativa. Essa cultura, segundo Jenkins (2009) é onde fãs e outros consumidores são convidados a participar de criações e

circulações de novos conteúdos. Essas criações, que podem ser *fanzines*⁴, *e-zine*⁵, enciclopédia colaborativa, *fanfictions* e *fanarts*, geralmente dialogam com produções já existentes.

1.3 Gêneros Discursivos

Os gêneros discursivos fazem parte da nossa vida diária e muitas vezes não nos damos conta disso. Ao acordar pela manhã e cumprimentar seu cônjuge com bom dia, ao chegar no trabalho e cumprimentar seus colegas, ao entregar um relatório, ao ler uma placa de trânsito, ao receber uma mensagem de texto no celular. Nós conhecemos essas ações e as realizamos todos os dias. São gêneros discursivos em suas diversas faces: orais, escritas, impressas ou digitais. Porém, muitas vezes não sabemos nomear cada atividade.

Segundo Rojo (2015, p.38), o primeiro autora ampliar a reflexão sobre os gêneros a todos tipos de textos e discursos, “sem distinção alguma, tanto da vida cotidiana como da arte, foi Mikhail Bakhtin e seu círculo de discussões”. De acordo com Brandist (2009) *Apud* ROJO, 2015, p.39), esse círculo de discussões foi uma escola de pensamento russo do século XX, onde questões sociais e culturais que surgiram decorrentes da Revolução Russa e da ditadura de Stalin eram abordadas filosoficamente. Eles analisavam a maneira como a linguagem registrava os conflitos entre grupos sociais.

Rojo (2015, p. 40) diz que “o círculo de Bakhtin estende o conceito de ‘gênero’ a todas as produções discursivas humanas e não somente ao campo da arte literária ou da oratória pública.” Isto quer dizer que Bakhtin e os outros estudiosos que faziam parte do círculo se importavam com o que acontecia no meio social em que viviam, não levando em conta apenas as produções literárias e oratórias públicas que muitas vezes só eram feitas por pessoas da alta classe da sociedade.

Segundo a autora (2015, p. 64):

Diferentes modos de vida e circunstâncias ligados às diversas esferas/campos de comunicação, por sua vez relacionadas com os vários tipos de atividade humana e determinadas, em última instância, pela organização econômica da sociedade, gerariam tipos temáticos, composicionais e estilísticos de enunciados/textos relativamente estáveis – os gêneros.

⁴Publicações feitas por fãs de diversos assuntos. O termo originou das palavras *fanatic* e *magazine*, e passa a ideia de revista de fã.

⁵Será explicado adiante.

Para Bakhtin(2003), os gêneros discursivos mudam de acordo com o meio em que circula, os dados que os cercam, os fatores históricos por trás desse meio. Esses meios são de tempo e lugar e determinam as características de cada gênero discursivo. Para o autor, com a evolução da sociedade, muitos gêneros textuais antigos se transformam fazendo surgir novos gêneros.

Para Faraco (2000) “a teoria bakhtiniana assevera axiomáticamente uma estreita correlação entre os tipos de enunciados (os gêneros) e suas funções na interação social; entre os tipos e o que fazemos com eles no interior de uma determinada atividade social.”

Atividades simples que ocorrem no nosso dia a dia como cumprimentos, bilhetes, pedidos, ordens, torpedos e *posts* nas redes sociais são chamados de gêneros primários por Bakhtin (2003[1952-1953/1979]). Já os gêneros secundários são aqueles com uma finalidade pública, de comunicação, que agem em diversas esferas do meio social. São as notícias, anúncios, artigos, relatórios, atas, formulários, romances, novelas e até os noticiários televisivos, radiofônicos e os que circulam na internet também.

Esses gêneros secundários, segundo Rojo (2015), podem transformar os gêneros primários, absorver certas ações e incluí-las ao seu meio. Um exemplo dessa inserção seria uma novela que inclui conversas cotidianas orais e virtuais entre seus personagens.

A autora afirma também que os gêneros só se materializam em textos e enunciados e não como gêneros em si. Para ela, os gêneros são formas de dizer, de enunciar, de contar histórias que só aparecem em forma de textos orais, escritos ou até multimodais, aqueles que misturam língua/linguagem (verbal, oral, escrita; imagem, estática ou em movimento; sons musicais).

Assim, tudo o que falamos e escrevemos se dá na forma de enunciados ou textos.

Um enunciado serve para expressar, por meio da língua/linguagem, uma significação, uma apreciação a respeito do mundo, das coisas, dos outros ou de outros ditos. E um enunciado é de porte e tamanho vário: pode ser uma interjeição como “Uau!” ou um gesto, um meneio de cabeça assentindo ou negando. Mas também pode ser um romance em três tomos.(ROJO, 2015, p. 28)

Bakhtin (2003), afirma

em cada campo existem e são empregados gêneros que correspondem às condições específicas de dado campo; é a esses gêneros que correspondem determinados estilos. Uma determinada função (científica, técnica, publicística, oficial, cotidiana) e determinadas condições de comunicação discursiva, específicas de cada campo, geram determinados gêneros, isto é, determinados tipos de enunciados estilísticos, temáticos e composicionais relativamente estáveis. (BAKHTIN, 2003 [1952-1953/1979] p. 266)

Percebemos então que cada esfera/campo em que o discurso se localizar, “haverá um rico repertório de gêneros, que vai ampliando, se moldando, à medida que essa esfera/campo se expande” (ROJO, 2015, p. 68-69).

Temos como exemplo o aparecimento das TDICs – tecnologias digitais da informação e da comunicação, que despertaram grandes modificações nos gêneros que os incorporam, criando meios que substituem antigas práticas: cartas que viram *e-mails*, conversas que são realizadas em *chat*, diários que se transformam em *blogs*.

Lemke (2010 *apud* ROJO, 2015, p. 115) articula que:

o letramento raramente esteve atrelado de forma escrita ao texto escrito. Muitos dos gêneros do letramento, do artigo da revista popular ao relatório de pesquisa científica, combinam imagemvisuais e texto impresso em formas que tornam as referências entre eles essenciais para entendê-los do modo como o fazem seus leitores e autores regulares. Nenhuma tecnologia é uma ilha. Conforme nossas tecnologias se tornam mais complexas, elas se tornam situadas em redes mais amplas e longas de outras tecnologias e de outras práticas culturais.

1.4 Gênero *Fanfiction*

Fanfiction, ou seu termo reduzido *fanfic*, é uma estória escrita a partir de um livro, quadrinho, anime⁶, filme, série de TV, banda musical ou até mesmo atores, por pessoas que se consideram fãs destes. É um gênero textual que engloba a escrita criativa por meios digitais.

O gênero *fanfiction* é sinônimo de liberdade, ou seja, é possível escrever o que quiser, tendo a oportunidade de criar mundos onde qualquer coisa pode acontecer. A *fanfiction* concede espaço para qualquer pessoa que queira continuar uma história que goste muito, ou misturar personagens de obras diferentes, como

⁶Anime: nome dado para o tipo de desenho animado produzido no Japão. No Brasil, os mais conhecidos são Naruto, Pokémon, Dragon Ball e Cavaleiros do Zodíaco.

filme e literatura, e criar um novo final, um novo rumo.

Este gênero é basicamente “uma escrita que continua, interrompe, reimagina ou apenas faz alusão a histórias e personagens que outras pessoas já escreveram.” (JAMISON, 2017, p. 31)

Além disso, escrever *fanfiction* é direcionar suas histórias para uma comunidade de leitores que espera por elas, anseia lê-las.

O surgimento desse gênero é mais antigo do que se possa imaginar, com releituras de escritores consagrados, que datam de séculos anteriores a este.

A sobrinha de Jane Austen escreveu uma carta endereçada a Georgiana Darcy, irmã do personagem principal Fitzwilliam Darcy, no romance *Orgulho e Preconceito* (1813), de Jane Austen.

Segundo Jamison (2017, p.11), Jean Rhys, em 1966, publicou *Wide Sargasso Sea*, *O Vasto Mar de Sargaços*, sua reimaginação da história de Bertha Mason, a primeira esposa do Sr. Rochester do romance *Jane Eyre*, escrito por Charlotte Brontë e publicado em 1847.

No ano de 1966 aconteceu a estréia de *Jornada nas Estrelas*, atraindo uma comunidade de fãs que discutiam, analisavam e criticavam as cenas da aclamada série. Mas as três temporadas da série não foram suficientes. A comunidade de fãs, que crescia cada vez mais, precisava de algo que os criadores da série não podiam dar.

Assim *zines* mimeografados começaram a circular: um meio de comunicação independente, produzidos por fãs de determinadas culturas, como cinema de ficção científica, música *punk*, jornalismo independente, e qualquer outro tema que a imprensa oficial não tratasse com profundidade.

Eram geralmente xerocados ou mimeografados e trocados pelo correio ou em grandes encontros temáticos. Os autores, produtores de *zines*, não almejavam lucro nas suas vendas e essa é uma característica marcante nesse meio de escrita; as pessoas que escrevem e publicam *fanfictions* geralmente não o fazem com o intuito de lucrar.

Segundo Jamison (2017, p.12),

a *fanfiction* afirma os direitos dos narradores de tomar posse de personagens e cenários das narrativas de outras pessoas e contar suas próprias histórias – expandir e construir em cima do original e, quando necessário, ajustá-lo e otimizá-lo para cumprir seus próprios objetivos.

No artigo que inspirou esse trabalho, “*Fanfics, Google docs... A produção textual colaborativa*”, de Eliane F. Azzari e Melina Aparecida Custódio, as autoras afirmam que “as *fanfics* são amostras de um discurso apropriado, de palavras alheias que se tornam próprias de maneira internamente persuasiva”(AZZARI e CUSTÓDIO, 2013, p. 75).

Existem na rede virtual *sites* próprios para a publicação dessas *fanfictions*. Os mais acessados no Brasil são o <https://spiritfanfics.com/>, <https://fanfics.com.br/> e o <https://fanfiction.com.br/>.

Nesses *sites* é possível escrever sua história, publicá-la, acompanhar o recepcionamento pelos outros usuários, visualizar comentários sobre a sua escrita/gramática e estender sua *fanfiction* para quantos capítulos você achar necessário.

Em todos esses *sites*, o usuário que queira participarem que fazer o *login*, criar um *namee* uma senha para tal. Feito isso, o usuário está pronto para escrever sua *fanfic*.

Segundo Jamison (2015, p. 13):

A *fanfiction* se tornou incrivelmente mais biodiversificada do que os trabalhos canônicos dos quais ela brota. Engloba gravidez masculina, centaurização, troca de corpo, apocalipses, reencarnação e todo fetiche sexual, perversão, combinação, posição e inversão que você pode imaginar, e muito mais coisas que você poderia, mas preferiria não. Derruba limites entre gêneros sexuais e gêneros literários, raças, cânones, corpos, espécies, passado e futuro, consciência e inconsciência, ficção e realidade. [...] A *fanfiction* é a louca que mora no sótão da cultura convencional, mas o sótão não vai escondê-la para sempre.

O mundo das *fanfictions* é muito particular: possui vocabulários distintos, geralmente derivados da Língua Inglesa, que confundem muito um leitor ou escritor de primeira viagem. Existem diversas categorias e subcategorias de *fanfics*, com temáticas, estruturas, tipos e estilos diferentes da narrativa original, que podem ir desde histórias focadas em cenas de sexo explícito entre os personagens, até violência, comédia, romances, etc.

Para especificar essas categorias, existem determinadas nomenclaturas em que as histórias são classificadas para facilitar a busca dentro da plataforma digital. Além dos gêneros comuns que conhecemos: romance, comédia, ação, terror, suspense, drama, aventura, existem os gêneros⁷ próprios do mundo *fanfiction*.

⁷Gênero aqui se refere a uma tipologia de *fanfic* e não a um gênero textual.

Enumero, a seguir, esses tipos de gênero e algumas terminologias que são usadas para classificar determinadas *fanfics*, segundo Petusk(2013), do blog Liga dos Betas.⁸

a) Quanto à extensão:

I. **Drabble:** *Fanfic* escrita com 100 palavras.

II. **Double Drabble:** É uma *fanfic* com, no máximo, 200 palavras.

III. **Oneshot:** *Fanfic* que contém somente um capítulo (*one-shot*: um tiro por ser uma leitura rápida), seja ele curto e postado de uma só vez ou longo e postado em partes.

IV. **Shortfics:** *Fanfics* breves, escritas em poucos capítulos.

V. **Longfic/Saga:** *Fanfics* longas, escritas em muitos capítulos.

b) Quanto à estrutura:

I. **Canon:** *Fanfics* que seguem o “cânone”, ou seja, histórias fiéis à “original”.

II. **CrossOver:** *Fanfics* em que se misturam universos (*fandoms*) diferentes.
Ex.: Iracema/Avatar, Harry Potter/Star Wars.

III. **PWP (Plot? What plot?):** “Enredo? Que enredo?” Esse tipo de *fanfic* não tem muito enredo, dando prioridade às cenas de sexo.

IV. **SideStory:** *Fanfics* curtas que explicam um fato ocorrido em outra *fanfic*, como uma espécie de “bônus”. Trata-se de um capítulo que não se encaixa no meio da história original.

V. **Songfic:** *Fanfics* escritas acompanhadas da letra (e/ou tradução) da música, escolhida pelo(a) autor(a) como trilha sonora. Geralmente seu gênero é drama e são *Oneshots* ou *Shortfics*.

VI. **TWT (Time? What time?):** histórias que não seguem um tempo cronológico.

VII. **Darkfic/Angst:** *Fanfics* abundantes em cenas depressivas, atmosferas sombrias e situações angustiantes. É o contrário das *fanfics* definidas pelo termo “waffy”.

c) Quanto à temática:

I. **Amizade:** *Fanfics* sobre amizade em geral.

⁸Disponível em: <http://ligadosbetas.blogspot.com.br/2013/08/dicionario-de-termos-e-siglas-do-mundo.html>.

II. **Citrus:** *Fanfics* sobre romance adulto; pode ou não conter cenas de sexo.

III. **Femslash/Yuri:** *Fanfics* sobre relacionamento homossexual feminino.

IV. **Lolicon:** *Fanfics* sobre romance entre uma mulher mais nova e uma mulher/homem mais velho(a). O termo deriva da estória "Lolita", personagem do romance homônimo de Vladimir Nabokov.

V. **Shonen-ai:** *Fanfics* sobre relacionamentos entre homens, geralmente platônico.

VI. **Shoujo-ai:** *Fanfics* sobre relacionamentos entre mulheres, geralmente platônico.

VII. **Shotacon:** *Fanfic* com romance entre um homem/mulher mais velho com um menino.

VIII. **Slash/ Yaoi:** *Fanfic* cujo tema principal concentra-se na relação geralmente amorosa entre dois homens. "Slash" é a palavra em inglês para "barra".

d) Quanto ao estilo:

I. **Fluffy/waffy:** *Fanfic* extremamente açucarada. Chega a ser mais do que um romance, onde os personagens são carinhosos.

II. **Doujinshi:** Normalmente, o termo se refere a mangás/*fanzines* de artistas não profissionalizados, podendo conter tanto histórias originais quanto baseadas em um mangá ou um anime da moda. Entretanto, escritores de *fanfics* que se dedicam em criar histórias inspiradas em animes e mangás classificam seus trabalhos como *doujinshi*, mesmo quando é apenas texto e não possui ilustrações, o que configura uma classificação arbitrária.

III. **MarySue:** Alguns tipos de *fanfics* são chamadas por *Mary Sue* por possuírem um formato mais "açucarado", marcado por um tom melodramático e apelativo. O nome do estilo é uma homenagem à Tenente Mary Sue, uma personagem de *fanfics* de Jornada das Estrelas dos anos 80 que definiu o arquétipo da personagem perfeita altamente idealizada. Também são chamadas de *Mary Sue* (ou Gary Stu, na versão masculina) as *fanfictions* onde a personagem principal é completamente inatingível.

IV. **R.A. (Realidade Alternativa):** Quando a *fanfic* é escrita com os mesmos personagens e locais daqueles criados pelo(a) autor(a) original, porém, um dos fatos mudam.

V. **SAP (Sweet as possible):** Significa tão doce quanto possível. Trata-se de

uma *fanfic* açucarada, mas não ao ponto de ser *MarySue*.

VI. **Selfinsertion**: Quando o *ficwriter* (escritor) participa da trama, interagindo com os personagens.

VII. **U.A.(Universo Alternativo)**: Quando a *fanfic* se passa em um mundo diferente daquele criado pelo(a) autor(a) original da série, mas utilizando os personagens já existentes na história, na maioria das vezes buscando não alterar as características físicas e psicológicas das personagens.

VIII. **What If**: O que aconteceria se a história tomasse um rumo diferente.

e) Quanto ao “gênero”:

I. **Ação.**

II. **Aventura.**

III. **Comédia.**

IV. **Drama**

V. **Fantasia.**

VI. **Ficção científica.**

VII. **Furry**: História em que há a presença de personagens animais humanizados.

VIII. **Humor negro.**

IX. **Mistério.**

X. **Suspense.**

XI. **Terror.**

XII. **Romance.**

Existem comunidades e indivíduos que gostam de policiar essas histórias. Conhecidos como *beta readers* (leitores beta), cuja finalidade é avaliar a história depois de ser publicada no site, auxiliando o autor na análise de seu texto: seu aspecto gramatical, sua estrutura, enredo, coesão e coerência. É necessário deixar claro que um *beta reader* não ajuda o autor a escrever a história, ele apenas aponta os erros, sugere o que pode ser melhorado, indica correções, mas nunca arruma os erros para o autor.

CAPÍTULO 2 – CONSIDERAÇÕES ACERCA DA ESCOLHA METODOLÓGICA

A abordagem qualitativa, muito utilizada no contexto educacional, será destacada neste trabalho, assim como o estudo de caso e o relato de experiência.

De acordo com Minayo (2010, *apud* MARTINS e RAMOS, 2013, p. 10), a pesquisa qualitativa “busca questões muito específicas e pormenorizadas, preocupando-se com um nível da realidade que não pode ser mensurado e quantificado”. A autora também afirma que a pesquisa qualitativa age em significados, razões, desejos, crenças, valores, atitudes e outras características que são próprias do ser humano.

Godoy (1995, *apud* SIQUEIRA, 2014, p.32) relata algumas características da pesquisa qualitativa: o local natural como fonte dos dados e o pesquisador como meio fundamental, “o caráter descritivo; o significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida como preocupação do investigador; e o enfoque indutivo”.

A etnografia consiste no estudo do hábito das pessoas em situações comuns, corriqueiras. O objetivo da pesquisa etnográfica é interpretar culturalmente o comportamento dessas pessoas.

2.1 Estudo de caso

Segundo André (2005), o estudo de caso surge primeiro na sociologia e na antropologia, no final do século XIX e início do século XX. O principal propósito, nestas áreas, era realçar características e atributos da vida social. Na Medicina, Psicanálise, Psicologia e Serviço Social objetivavam estudar um caso para fins de diagnose, tratamento e acompanhamento.

Na Educação, o estudo de caso aparece nas décadas 60 e 70 apenas como estudo descritivo de uma unidade: uma escola, um professor, uma sala de aula. O marco principal deste tipo de pesquisa, na área educacional, foi a Conferência Internacional realizada em Cambridge, Inglaterra, em 1972 (ANDRÉ, 2005).

Para a referida autora, tendo como aporte teórico Stake (1994, *apud* ANDRÉ, 2005), o estudo de caso não é um método específico de pesquisa muito menos uma escolha metodológica, mas sim uma forma de estudo particular em que se tem um objeto a ser estudado.

Na perspectiva de Merriam (1988, *apud* ANDRÉ, 2005), o conhecimento gerado a partir do estudo de caso é diferente do conhecimento gerado a partir de

outras pesquisas porque é mais concreto, mais contextualizado, mais voltado para a interpretação do leitor e baseado em populações de referência determinadas pelo leitor.

Seguindo a afirmação de Yin (1994), o estudo de caso que será abordado nessa monografia, é “uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro do seu contexto real de vida, especialmente quando as fronteiras entre o fenômeno e o contexto não são absolutamente evidentes.” (Yin, 1994, p.13).

Assim, procurei mostrar como o fenômeno da tecnologia está inserido no ensino de Língua Portuguesa, bem como se a escola tem oportunizado aos alunos momentos necessários para tal aprendizagem, levando em conta que o ensino com letramento na escola pode ser interdisciplinar e abordar diversas disciplinas da grade curricular.

Segundo Sarmiento (2011, p. 16), “uma investigação que assume o formato do estudo de caso, no quadro de uma perspectiva interpretativa e crítica e que se centra nos fenômenos simbólicos e culturais das dinâmicas de ação no contexto organizacional da escola, é um estudo de caso etnográfico”.

2.2 Contexto da pesquisa

A seguir, apresento o contexto no qual este estudo de caso aconteceu, além de discorrer sobre o programa PIBID, do qual sou bolsista e que me proporcionou a oportunidade de realizar a atividade que norteia este trabalho de conclusão de curso.

2.3 O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência –PIBID

O Pibid é um programa de incentivo e valorização do magistério e de aprimoramento do processo de formação de docentes para a educação básica, visando à melhoria de qualidade da educação pública brasileira, oportunizando atividades pedagógicas em escolas da rede pública em que o IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) esteja abaixo da média nacional.

O programa oferece bolsas aos estudantes de cursos de licenciatura; ao coordenador institucional que articula e implementa o programa na universidade ou instituto federal; aos coordenadores de área envolvidos na orientação aos bolsistas; e, ainda, aos docentes de escolas públicas responsáveis pela supervisão dos licenciandos.

O Pibid é proporcionado pelo Ministério da Educação e financiado pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), através da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior do Ministério da Educação (CAPES/MEC).

De acordo com a Portaria CAPES n.º 096, de 18 de Julho de 2013, os objetivos do Pibid são:

I - incentivar a formação de docentes em nível superior para a educação básica; II – contribuir para a valorização do magistério; III – elevar a qualidade da formação inicial de professores nos cursos de licenciatura, promovendo a integração entre educação superior e educação básica; IV – inserir os licenciandos no cotidiano de escolas da rede pública de educação, proporcionando-lhes oportunidades de criação e participação em experiências metodológicas, tecnológicas e práticas docentes de caráter inovador e interdisciplinar que busquem a superação de problemas identificados no processo de ensino-aprendizagem; V – incentivar escolas públicas de educação básica, mobilizando seus professores como co-formadores dos futuros docentes e tornando-as protagonistas nos processos de formação inicial para o magistério; VI – contribuir para a articulação entre teoria e prática necessárias à formação dos docentes, elevando a qualidade das ações acadêmicas nos cursos de licenciatura; VII – contribuir para que os estudantes de licenciatura se insiram na cultura escolar do magistério, por meio da apropriação e da reflexão sobre instrumentos, saberes e peculiaridades do trabalho docente (CAPES. Portaria n.º 096, Art. 4º, p. 2, 18 de Julho de 2013).

O programa Pibid, exclusivo aos cursos de licenciatura, permite que o bolsista vivencie e reflita sobre a profissão professor, pois, tendo contato com o futuro local de trabalho.

2.4 O PIBID em Jardim

Em Jardim, temos 3 projetos sendo desenvolvidos na UEMS. Um no curso de Geografia, outro no curso de Letras e o terceiro é Interdisciplinar: que envolve alunos de ambos os cursos atuando juntos na escola.

Como discente do curso de licenciatura em Letras, hab. Português/Inglês, sou bolsista do programa Pibid desde 2015. Foi muito satisfatório receber a notícia de que eu tinha sido selecionada entre tantos inscritos. Hoje, 3 anos depois de ter entrado no Pibid, vejo os resultados favoráveis que esse programa me proporcionou e sou muito grata por isso.

Minha primeira experiência como bolsista do Pibid aconteceu na Escola Estadual Salomé de Melo Rocha, no município de Guia Lopes da Laguna onde, juntamente com minha colega de classe Andressa Brum, desenvolvi o projeto

intitulado Arte e Literatura com a turma do 7º ano do Ensino Fundamental, com o intuito de estimular a capacidade de criação dos alunos por meio de elaboração de uma peça teatral, utilizando como ferramenta a obra “O pequeno príncipe” de Antoine de Saint-Exupéry.

No ano de 2016, fui transferida para a Escola Estadual Coronel Juvêncio, com minha colega veterana já formada Héllen Stéfany. A pedidos da coordenação da escola e da professora supervisora, desenvolvemos atividades com a turma do 6º ano do ensino fundamental, visto que é uma turma com índices baixos em determinados quesitos escolares, como leitura, escrita e principalmente no comportamento.

Com essa turma, desenvolvemos o projeto intitulado “Reflexão sobre o *bullying*”, sob supervisão da professora regente, no qual desenvolvemos uma atividade que problematizou aspectos sobre o *bullying*, com a finalidade que os alunos ampliassem seus olhares sobre o outro, visto que essa turma era tida como a mais agressiva da escola.

Usando como aporte as teorias de letramento e multiletramento, no final do projeto foram produzidos pequenos *takes*⁹audiovisuais, em que os alunos respondiam a questionamentos sobre o preconceito racial, social, cultural e principalmente sexual.

Como resultado desse projeto, eu e minha parceira tivemos nosso trabalho aceito para ser apresentado na modalidade oral no VI Encontro Nacional das Licenciaturas (ENALIC) e X Seminário Institucional PIBID/PUCPR, nos dias 14 a 16 de Dezembro de 2016 na cidade de Curitiba-PR.

Hoje, continuo contribuindo na Escola Estadual Coronel Juvêncio – porém em dupla com nova parceira. Este ano trabalhamos com a turma do 2º ano do Ensino Médio, no período matutino, com a qual foi realizada a experiência que será relatada a seguir.

Essa turma é numerosa, com mais de 36 alunos, que se organiza em muitos grupos. Contudo, apenas poucos alunos são participativos nas aulas de Língua Portuguesa e Literatura.

⁹Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=THMK3GOyXLA> . Acesso em 02 de novembro de 2017.

CAPÍTULO 3 – O RELATO

A atividade pedagógica teve início em maio de 2017, em parceria com o projeto “Redescobrimo a leitura” da professora regente que, entre tantos objetivos, teve o intuito de despertar nos alunos o interesse pela leitura, trazer aspectos característicos da 1ª geração romântica, o nacionalismo, e trabalhar o conceito da intertextualidade. É importante ressaltar que esse conteúdo está em consonância com o Referencial Curricular do Ensino Médio (2012).

Para a realização das atividades, foram necessárias 8 aulas com a duração de 50 minutos cada. Nesse período, os alunos realizaram a leitura da obra *Iracema*, de José de Alencar, e assistiram à produção cinematográfica *Avatar* escrito e dirigido por James Cameron, através do uso da Lousa Digital na sala de multimídia, caracterizando assim o “Cine Pipoca”, evento nomeado pelos próprios estudantes.

Iracema, clássico da literatura brasileira de vertente indianista, é uma narrativa que tem como personagens principais a índia tabajara Iracema, filha do pajé da aldeia e o português colonizador Martim, que idealiza a índia e acaba se apaixonando por ela.

No filme *Avatar*, Neytiri é uma guerreira filha do “dono” da tribo *Na’avi*. Jake é o imigrante que se apaixona pela nativa e que ajudará a combater a destruição da aldeia. Ambas as histórias evidenciam aspectos importantes como a relação entre o homem e a natureza.

Para trabalhar a intertextualidade das obras, a turma foi dividida em 2 grupos e cada grupo confeccionou cartazes com as características semelhantes das obras: personagens principais, personagens secundários, os rivais, o enredo, etc. Em seguida, foi realizada a exposição desses cartazes nos murais da escola.



Figura 1: Apresentação em grupos dos cartazes produzidos.



Figura 2: Cartazes expostos nos murais da escola.

Nessa primeira atividade pode-se visualizar claramente o que Lemke (2010, p. 459) fala sobre a era da imprensa:

“Faz um bom tempo que as tecnologias do letramento não são tão simples quanto a caneta, a tinta e o papel. E na era da imprensa, assim como antes dela, o letramento raramente esteve atrelado de forma estrita ao texto escrito. Muitos dos gêneros do letramento, do artigo da revista popular ao relatório de pesquisa científica, combinam imagens visuais e texto impresso em formas que tornam as referências entre eles essenciais para entendê-los do modo como o fazem seus leitores e autores regulares”.

Após a leitura e discussões sobre o artigo “Fanfics, Google docs... A produção textual colaborativa” de Azzari e Custódio (2013), na disciplina de Novas Tecnologias da Educação (NTE), sugeri à professora coordenadora do Pibid e à

professora supervisora da escola, uma atividade em que os alunos trabalhassem a escrita colaborativa por meio do gênero *Fanfiction*, gênero textual que engloba a escrita criativa em meios eletrônicos.

Foi apresentado à turma o conceito de *Fanfiction*, suas características, estilos, temas e gêneros através da ferramenta *Power Point* por meio do uso da lousa digital.



Figura 3: aula explicativa sobre o gênero *Fanfiction*.

Na aula seguinte, acompanhei os alunos à sala de tecnologia onde muitos puderam ter o primeiro contato com uma das plataformas *online* de publicação de *fanfics*, o site *Spiritfanfics.com*.

Um dos principais objetivos da escola é possibilitar aos alunos a oportunidade de participar das muitas práticas sociais que existem na sociedade, fora do contexto escolar. Mas isso não tem de fato ocorrido. Segundo Hamilton (2002, p. 8):

muitos dos letramentos que são influentes e valorizados na vida cotidiana das pessoas e que têm ampla circulação são também ignorados e desvalorizados pelas instituições educacionais.

Nessa aula, os alunos puderam conhecer o *site*, criar uma conta e esmiuçar o que o *site* proporciona ao usuário.

Esse ambiente digital pode favorecer muito o aprendizado através de reflexões. Para Romancini (2014), esse conhecimento pode se dar por meio de uma série de práticas sociais que estão associadas ao letramento. Para o autor essas práticas sociais seriam *oblog*, o *podcast*, compartilhamentos de fotos e vídeos.



Figura 4: Alunos conhecendo o *site* na sala de tecnologia.

Em seguida, uma sugestão de atividade foi feita para a turma: produzir uma *fanfic* com características de intertextualidade entre a obra *Iracema* e o filme *Avatar*, visto que a *fanfic* é uma excelente ferramenta para se trabalhar os conteúdos de Língua Portuguesa, além de despertar no aluno a vontade de escrever sua própria estória.

Segundo o dicionário de Trask (2004, apud KOCH, BENTES; CAVALCANTE, 2007, p.13), o termo **intertextualidade**¹⁰ pode “ser aplicado aos casos célebres em que uma obra literária faz alusão a uma outra obra literária”, isto é, se referindo não apenas a algum trecho ou texto que remete a outro texto já produzido, mas sim a toda produção e recepção de sentidos que determinada obra irá expor.

No caso da produção cinematográfica, *Avatar*, não existe alusão clara à obra de Alencar, *Iracema*, mas ambas histórias possuem enredos semelhantes, ao ponto de ser possível acreditar que o filme de grande sucesso mundial, tenha sido inspirado pelo romance indianista brasileiro.

Para consolidar essa ideia da intertextualidade, cito um *post* criado por um usuário chamado Daisea, que publicou em 21 de abril de 2010, no *blog* *Mente Flutuante*¹¹, as semelhanças das duas obras, afirmando que as obras realçam aspectos entre a natureza e o homem, a busca por riquezas e por um lugar melhor para viver.

¹⁰Grifo meu.

¹¹Disponível em: <https://menteflutuante.wordpress.com/2010/04/21/seria-avatar-iracema-de-jose-de-alencar/#comments>. Acesso em 07 de novembro de 2017



Figura 5: *print* de tela do blog citado.

Ao ler as produções textuais dos alunos que realizaram a atividade, pude perceber algumas semelhanças entre eles: todos trazem uma intertextualidade entre os personagens principais das obras trabalhadas. Os participantes demonstraram interesse nesse jogo de misturar as histórias e criar seu novo final. Apesar de toda a turma ter participado das aulas iniciais na sala de tecnologia, nem todos participaram da produção da fic efetivamente.

Todo o projeto foi realizado em horário de aula normal, no caso, na aula que a professora dispõe para o Pibid. Com isso esperava uma participação mais significativa dos estudantes na realização da atividade, visto que foi uma atividade mediada pelo uso de um meio digital mas, infelizmente, apenas 6 alunos participaram ativamente da produção textual, da publicação das *fanfics* no *site* e na construção e manutenção do *blog*.

Alguns participantes ousaram um pouco mais e utilizaram os cenários das obras em suas *fanfics*, fazendo uma junção de ambos e criando assim um novo mundo para sua própria *fic*.

Dillenbourg (2013, *apud* TORRES e IRALA 2007, p.70) define a aprendizagem colaborativa como a “situação de aprendizagem na qual duas ou mais pessoas aprendem ou tentam aprender algo juntas”.

Meu intuito, ao sugerir essa atividade à turma, era que através do *site* eles pudessem exercer a escrita colaborativa que tem a presença da metalinguagem,

“onde os autores e colaboradores atuam na modificação das versões construídas por outros e que regularmente propõem discussões tanto de ordem discursiva quando de ordem estrutural” (AZZARI e CUSTÓDIO, 2013, p. 88). Essas modificações geralmente são realizadas através dos *betareaders*.

Infelizmente, após os alunos publicarem suas *fanfics* no *site*, não recebemos esse *feedback* de nenhum *beta reader*.

O espaço em que esse *betareader* age é conhecido como curadoria. Esse conceito, segundo Rojo (2015, p.123, 124), tem sido cada vez mais usado para qualificar determinadas ações e processos que são próprios do universo das redes:

tanto conteúdo e tanta informação abundantes, dispersos, difusos, complementares e/ou contraditórios e passíveis de múltiplas interpretações, precisam de reordenamentos que os tornem inteligíveis e/ou que os revistam de (novos) sentidos. Curadoria implica sempre em escolhas, em seleção de conteúdos/informações, na forma de organizá-los, hierarquizá-los, apresentá-los etc.

Assim, juntamente com os alunos decidi criar um *blog*¹² para a publicação dessas *fanfics*.

Esses meios de comunicação digitais como o *blog*, que configuram novas formas de produção e de circulação de textos, provocam novas situações de leitura-autoria. Para Chartier (1988, apud ROJO, 2013, p. 20),

O novo suporte do texto [a tela do computador] permite usos, manuseios e intervenções do leitor infinitamente mais numerosos e mais livres do que qualquer uma das formas antigas do livro. [...] O leitor não é mais constrangido a intervir na margem, no sentido literal ou no sentido figurado.

Na criação do *blog*, de certa forma existiu uma atividade colaborativa: cada aluno escolheu um detalhe para tal: o nome para o *blog*, a fonte da letra, cor, barras, plano de fundo, as edições do texto, etc.

Houve muitas dúvidas da parte dos alunos de como utilizar as ferramentas disponíveis para a criação do *blog*. Assim, fica claro que o ambiente escolar não tem oportunizado aos alunos esse contato com ferramentas que não dispõem de explicações em pesquisas como o *google*.

Gee (2005, apud LANKSHEAR e KNOBEL, 2008, p. 13.) afirma que

as práticas de letramentos digitais, como a escrita de *fanfics*, de *blogs*, de percursos em jogos e afins, devem ser oportunidades de aquisição de conhecimento situado em oposição ao ensino de conceitos, processos, e funções de modo meramente verbal ou literal.

¹²Disponível em: <https://cruzhistorias.blogspot.com.br/>

Um dos alunos da turma sugeriu a criação de uma *fanart* para o *blog*: obra de arte baseada em um personagem, item ou em alguma obra notoriamente conhecida, que foi criada por fãs. No caso da *fanart* feita por esse aluno, foi utilizada a figura de Iracema e de Martim; uma junção dos personagens que escreveram em suas *fanfics*.

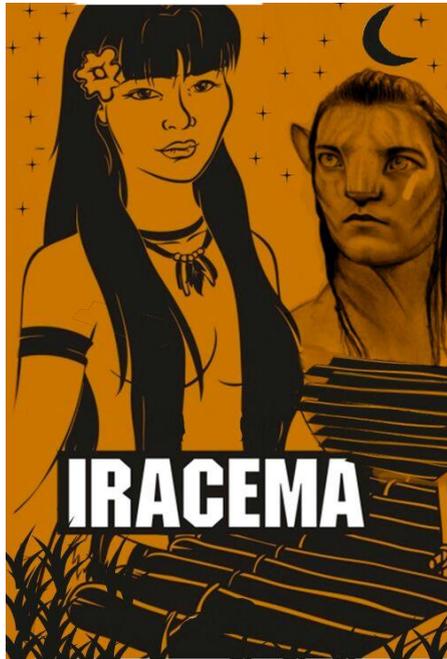


Figura 6: *Fanart* do estilo *crossover* – junção de 2 histórias.

Durante o desenvolvimento das produções textuais, realizei um questionário impresso com a turma para saber se eles já conheciam o termo *Fanfic* antes de ser apresentado a eles, se já haviam escrito em algum *site* e o que acharam de postar suas histórias na *internet*.

As respostas foram muito variadas. Muitos alunos responderam que nunca sequer haviam ouvido o termo *Fanfic*, enquanto outros ouviram e até já participaram de um *site*, criando sua *fanfiction*.

Aqueles alunos que não têm oportunidades para acesso ao computador, apenas ao meio digital do aparelho *smartphone*, foram os alunos que nunca ouviram falar da possibilidade de criar sua própria história, utilizando personagens e ambientes que existem, sem que isso seja um ato de plágio. Esses, ficaram surpresos com a chance de criar novos finais a filmes que já não lançam novas produções cinematográficas.

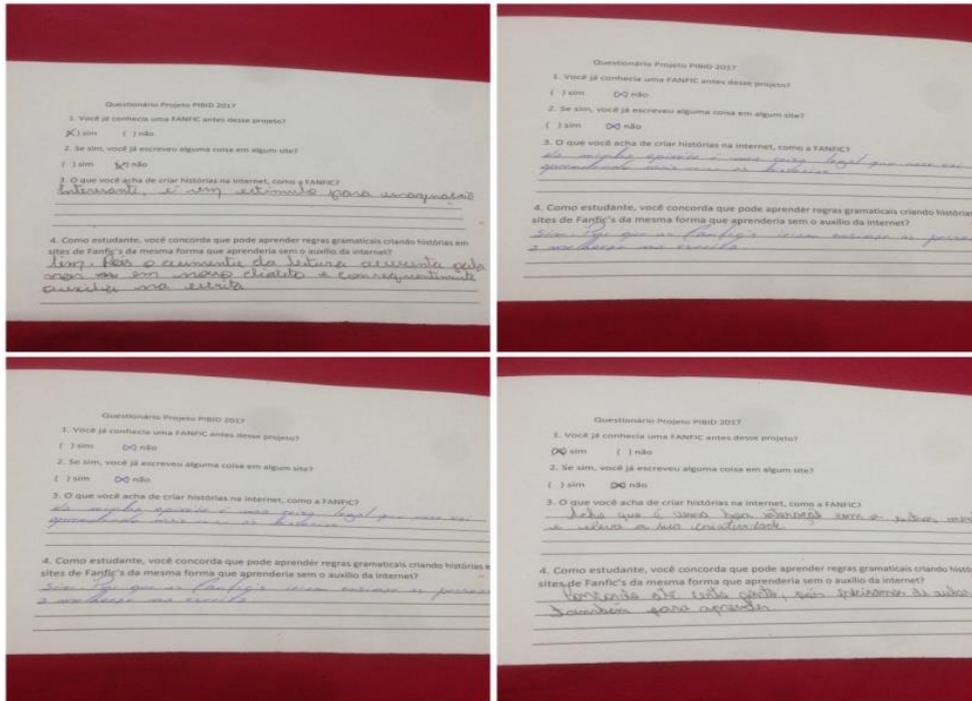


Figura 7: alguns questionários respondidos pelos alunos.



Figura8: print de tela de computador do Blog criado pelos alunos.



Figura 9: Primeiro *post* do *blog*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pude perceber, ao final de todas as leituras e da atividade exercida com a turma em que relatei a experiência, que as inovações tecnológicas têm possibilitado a demanda de gêneros multimodais ao nosso meio social, ao nosso cotidiano.

Essas inovações têm ressignificado as relações sociais. Um exemplo claro dessa ação é a curadoria nos *sites* de publicações de *fanfictions*. A troca de conhecimentos, a aprendizagem colaborativa que é possibilitada através dos denominados *betareaders* dentro do espaço da curadoria é incrível.

Rojo (2009), explica que o ensino de língua portuguesa hoje em dia, vê-se praticamente obrigado a desenvolver novas práticas pedagógicas que abrangem os letramentos, de forma a renovar e inovar as relações sociais dos alunos e sociedade.

Com isso, fica claro que a prática docente, o corpo docente de uma escola, precisa se ressignificar: buscar novas estratégias de ensino para mostrar que os gêneros multimodais estão ao redor dos alunos e podem ser usados para o aprendizado.

Através do uso da sala de tecnologia na escola, pude observar a dificuldade que alguns alunos ainda tiveram em acessar a *internet*, se cadastrar no *site* em que foi sugerido e utilizar a plataforma *online* para ler *fanfics* já publicadas.

Com a publicação do *blog*, os alunos envolvidos com a atividade, ficaram responsáveis em estar manuseando, verificando o número de acessos no *site* etc.

O fato do uso do *site* de *fanfics* para publicar as produções textuais dos alunos não ter acontecido da maneira que planejei me pegou de surpresa. Eu esperava uma ação colaborativa dos *betareaders* em ler os textos, auxiliando os alunos no que poderia ser melhor escrito.

Apesar dessa atividade não ter ocorrido com sucesso, a criação do *blog* atendeu as expectativas relacionadas à atividade colaborativa.

Minha preocupação com a ação colaborativa dos *beta readers* e os alunos era no aspecto gramatical, onde ambos poderiam trocar informações e sugestões a respeito desse quesito.

Felizmente, pude perceber que essa questão da gramática na escrita foi suprida quando os alunos, ao escreverem suas produções, se preocuparam em

pesquisar as palavras que não lembravam como se escrevia e ao analisar os textos dos outros colegas, já que iam publicar na internet suas produções, não queriam que possuísse erros tanto de gramática como de concordância.

Posso concluir que a produção textual através do gênero *Fanfiction*, apoiado ao uso das tecnologias, favoreceu o ensino-aprendizagem dos alunos que participaram da referida pesquisa. Através da perspectiva do multiletramento e letramento, foi facilitada a construção multimodal das produções textuais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRÉ, M. **Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional**. Brasília: Liberlivro, 2005.

_____. **Questões sobre os fins e sobre os métodos de pesquisa em Educação**. Revista Eletrônica de Educação. São Carlos, SP: UFSCar, v. 1, n. 1, p. 119-131, set, 2007.

ARQUIVO NACIONAL (Brasil). **Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.

BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

_____. Os gêneros do discurso. In: **Estética da criação**. Trad.: P. Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1979], p. 261-306.

BAYNHAM, M. **Literacy practices: investigating literacy in social contexts**. London: Longman, 1995.

BRASIL, Ministério da Educação. **Orientações curriculares para o ensino médio: Linguagens, códigos e suas tecnologias** / Secretaria de Educação Básica. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006. 239 p. volume 1.

_____. **Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível superior - CAPES**. Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID, abr. 2011. Disponível em: www.capes.gov.br. Acesso em 12 de outubro de 2017.

_____. **Seleção pública de propostas de projetos de iniciação à docência voltados ao Programa Institucional de Iniciação à Docência - PIBID**. 2007.

COPE, B. & KALANTZIS, M. **Multiliteracies: literacies learning and the design of social futures**. Psychology Press. 2000.

Decreto nº 7.219, de 24 de junho de 2010. **Dispõe sobre o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID e dá outras providências**. Diário Oficial da União, n. 120, seção 1, p. 4-5, 2010.

FARACO, C. A. **Relatório sobre gêneros do discurso**. Projeto AgP CNPq/CEFET-PR/PUC-PR. Mimeo, inédito, 2000.

HEATH, S. B.; STREET, B. V. **On ethnography: approaches to languages and literacy research**. National Conference on Research in language and literacy. New York: Teachers College Columbia, 2008

JAMISON, A. **Fic: por que a fanfiction está dominando o mundo**. 1ª. Ed. Rio de Janeiro: Anfiteatro, 2017.

JENKINS, H. **The Poachers and the Stormtroopers: Cultural Convergence in the Digital Age**. Massachusetts Institute of Technology. Disponível em

<<http://web.mit.edu/21fms/People/>> Acesso em 22 de Out. 2017.

_____. **Cultura da convergência: a colisão entre os velhos e novos meios de comunicação.** Trad.: S. Alexandria. São Paulo: Aleph, 2009.

KLEIMAN, A. B. **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita.** Campinas: Mercado de Letras, 1995.

_____. **Preciso “ensinar” o Letramento?** Não basta ensinar a ler e escrever? Campinas: Cefiel/Unicamp, 2005.

KOCH, I. G. V.; BENTES, A. C.; CAVALCANTE, M. M. **Intertextualidade: diálogos possíveis.** São Paulo: Cortez, 2007.

LANKSHEAR, C. ; KNOBEL, M.. **New literacies: Changing knowledge and classroom practice.** Buckingham, UK: Open University Press, 2003.

MELLO, D. **Pesquisa: 80% da população brasileira entre 9 e 17 anos usam a internet.** Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/pesquisa-e-inovacao/noticia/2016-10/pesquisa-80-da-populacao-brasileira-entre-9-e-17-anos-usam>>. Acesso em: 02 de Set. 2017.

PETRUSK, G. **Dicionário de termos e siglas do mundo das fanfics.** Disponível em: <<http://ligadosbetas.blogspot.com.br/2013/08/dicionario-de-termos-e-siglas-do-mundo.html>>. Acesso em: 07 de Set. 2017.

ROJO, R. **Escol@ Conectada: os multiletramentos e as TICs.** 1ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

ROJO, R. Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (orgs). **Gêneros: teorias, métodos e debates.** São Paulo: Parábola Editorial, 2005, p. 184-207.

ROJO, R. **Letramento e diversidade textual: a abordagem dos gêneros na escola.** Texto inédito de divulgação científica elaborado para o Programa Salto para o Futuro. Rio de Janeiro: TVE/MEC, 2004. 109 p.

ROJO, R. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social.** São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

ROJO, R; BARBOSA, J. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos.** 1. Ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

ROJO, R; MOURA, E. (orgs.). **Multiletramentos na escola.** São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

RUIZ, F. **A intertextualidade no gênero resenha.** Linguagem em (Dis)curso. Tubarão, SC, v. 12, n. 1, p. 99-128, jan./abr. 2012. Disponível em: <http://apoioerevisao.blogspot.com.br/2012/11/o-fenomeno-da-intertextualidade.html> Acesso em: 06 de Nov. 2017.

SARMENTO, M. J. **“O Estudo de Caso Etnográfico em Educação”** In N. Zago; M. Pinto de Carvalho; R. A. T. Vilela (Org.) Itinerários de Pesquisa - Perspectivas Qualitativas em Sociologia da Educação (137 - 179). Rio de Janeiro: Lamparina, 2011.

Significado de anime. **O que é anime?** Disponível em:
<<https://www.significados.com.br/anime/O>> Acesso em: 06 de Set. 2017.

SOARES, M. **Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura.** Educação e Sociedade, Campinas, vol. 23, n. 81, dez. 2002. Disponível em:<<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 20 Out. 2017.

STREET, B. V. **Os novos estudos do letramento: histórico e perspectivas.** In: MARINHO, M.; CARVALHO, G. T. (orgs.) Cultura Escrita e Letramento, Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. p. 33-53.

STREET, B. V. **Políticas e práticas de letramento na Inglaterra: uma perspectiva de letramentos sociais como base para uma comparação com o Brasil.** Cadernos CEDES, vol.33, n.89, Campinas, jan./abr. 2013.

STREET, B. V. ; CASTENHEIRA, M. L. **Práticas e Eventos de Letramento.** Disponível em:<<http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/praticas-e-eventos-de-letramento>> Acesso em 09 de Out. 2017.

TORRES, P. L.; IRALA, E. A.F. **Aprendizagem Colaborativa.** In: Algumas Trab. Ling. Aplic.. Campinas, 49 (2):455-479, Jul./Dez. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S01038132010000200009&lng=en&nrm=iso&tlng=pt> Acesso em 09 de Out. 2017.

VARGAS, M.L.B. **O fenômeno Fanfiction: novas leituras e escrituras em meio eletrônico.** Passo Fundo: Ed.Universidade de Passo Fundo, 2005.

WEBBER, É.C.P. **A Pedagogia dos Multiletramentos e o ensino da Língua Inglesa: o relato e a análise de uma sequência didática.** Monografia de Graduação. Jardim: UEMS, 2016, 67 p.

YAMAI, Fabrizio. **O que é fanzine?.** Disponível em:
<<https://fanzineexpo.wordpress.com/o-que-e-fanzine/>>. Acesso em: 06 de Set. 2017.

YIN, R.K. **Estudos de caso: planejamento e métodos.** 2ª ed. Porto Alegre: Bookman; 2001

ANEXOS

Questionário Projeto PIBID 2017

1. Você já conhecia uma FANFIC antes desse projeto?

sim não

2. Se sim, você já escreveu alguma coisa em algum site?

sim não

3. O que você acha de criar histórias na internet, como a FANFIC?

4. Como estudante, você concorda que pode aprender regras gramaticais criando histórias em sites de Fanfic's da mesma forma que aprenderia sem o auxílio da internet?

Questionário Projeto PIBID 2017

1. Você já conhecia uma FANFIC antes desse projeto?

sim não

2. Se sim, você já escreveu alguma coisa em algum site?

sim não

3. O que você acha de criar histórias na internet, como a FANFIC?

4. Como estudante, você concorda que pode aprender regras gramaticais criando histórias em sites de Fanfic's da mesma forma que aprenderia sem o auxílio da internet?
